FRUTOS DO ESPAÇO*

O progresso convence por estranhas ilações:
pega "parque" e faz dele
parque industrial.
O progresso convence por estranhas ilações:
pega "selva" e faz dela
selva de pedra.
O homem do parque industrial
sobrevive na selva de pedra.
Semanticamente o espaço urbano
se constrói pela referência à natureza,
para negá-la. Para destruí-la.
Nos dá em jogo de palavra
o que nos rouba em
terra, vegetação, animais.
"Sempre pensei em fundir a imagem
dentro do espaço em progresso."

Para o arquiteto de cidade, no século XIX,
a *urbis* era um organismo vivo. O parque era o
PULMÃO DA CIDADE.
Ali, podiam os habitantes,
já asfixiados pela rápida industrialização,
RESPIRAR.
No trabalho de Antônio Manuel
(frutos do espaço
frutos da terra
frutos da Catacumba)
tudo volta a
RESPIRAR:

o artista não planeja mais com vistas ao cubo da galeria,
com ambiente de ar refrigerado,
o espectador transita pelo olfato do parque,

* Texto inspirado pelas esculturas de Antônio Manuel.

a natureza não se sente abafada
pelo opaco do bronze ou do mármore,
o próprio trabalho se nutre de clorofila:
"a arte banha-se com vida e como tal exige respirar",
DELICADAS ARMAÇÕES.

Nem abstrato nem figurativo,
nem realidade nem representação,
COM O GRAFITE DO COTIDIANO
os olhos do espectador
— traço, linha —
fazem incisões na paisagem.
Delicadas armações
deixam entrever, através de vazios,
A PAISAGEM.

"Concebo estas estruturas
associadas a imagens."
O espaço vazio não impede tampouco
a circulação do olhar da natureza.
No trabalho de Antônio Manuel
a natureza volta a admirar e a ser admirada.
É vista, entrevista, composta, enquadrada,
lisonjeada, pisada, tocada.

E eu espectador, me vejo visto, entrevisto,
composto, enquadrado, lisonjeado,
pisado, tocado pela natureza.
Tudo é "suposto vazio";
tudo é "cheio". Pleno.

Antônio Manuel convence por estranhas ilações:
pega "selva de pedra" e faz dela
selva.
Antônio Manuel convence por estranhas ilações:
pega "parque industrial" e faz dele
parque,
pulmão da cidade,
pulmão da arte,
RESPIRAR.

UMA FERROADA NO PEITO DO PÉ

(Dupla leitura de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*)

Para o Marco Antonio

De todos os romances de Lima Barreto, *Triste Fim de Policarpo Quaresma* é o que oferece a melhor composição ficcional. Tudo nele conspira para o sucesso que merecidamente vem colhendo desde 1911, data da sua primeira publicação em forma de folhetim no *Jornal do Comércio*. A qualidade e a originalidade da composição, em autor tão conhecido pela negligência com que cercava o processo da criação literária, advém do fato de o romance ter sido escrito sob as pressões do dia-a-dia jornalístico, tendo isso obrigado o romancista a atar com maior firmeza e segurança os diversos fios soltos da meada ficcional.

Fala-se muito hoje nas virtudes do "gancho",[1] quando se refere à escrita que precisa despertar constantemente a curiosidade e a atenção do leitor. Esquece-se, no entanto, de que o leitor de folhetim (ou o fã de novela, foto- e telenovela) se deixa prender mais pela isca da repetição do que pelo anzol da surpresa. Esta é a virtude artística que o intelectual moderno — inimigo do plágio e amigo da originalidade a qualquer preço — gosta de elogiar nas formas populares e seriadas da narrativa, enquanto o desejo do chamado grande público é realmente aguçado pela redundância

1. Retiramos o conceito de "gancho" da retórica jornalística para aplicá-lo ao estudo das narrativas seriadas e populares, conservando, no entanto, o seu sentido original. Assim o *Dicionário da Comunicação* (Rio, Codecri, 1978) define o termo: "Início de uma matéria jornalística, escrito de maneira a prender a atenção do leitor e interessá-lo pelo restante do texto. *O lide* é a técnica de gancho mais usada na redação de notícias". O importante a assinalar, por enquanto, do ponto de vista retórico, é que com o "gancho" o produtor espera "ganhar" de antemão o leitor pouco curioso, pouco atento, despertando-o para o resto, que é visto como pouco estimulante.